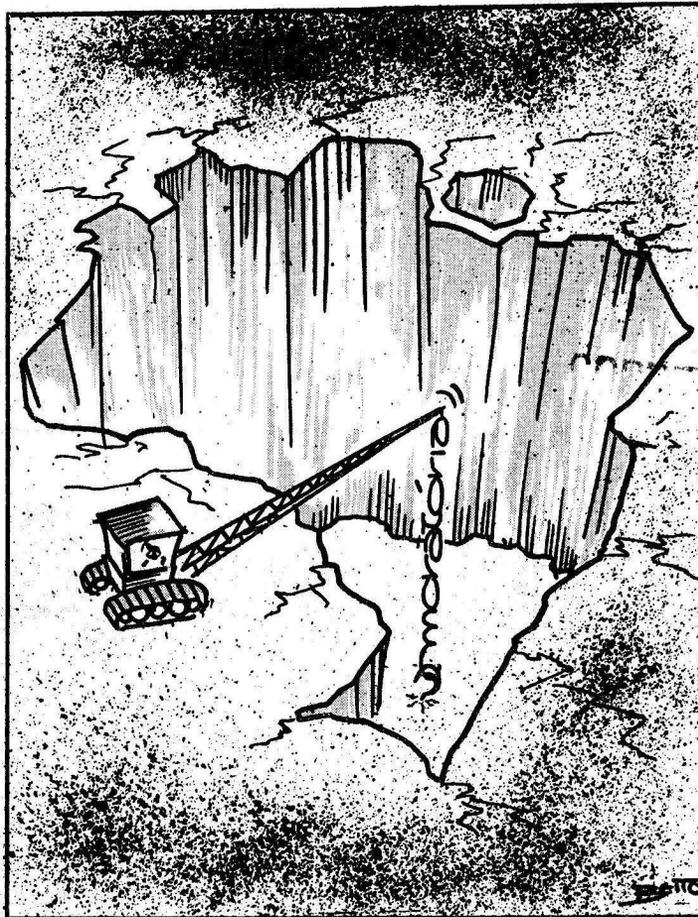


As dúvidas da dívida

Extra 26 FEV 1987

EXPEDICTO QUINTAS
CORREIO BRASILEIRO



do principal, criaria condições técnicas irreversíveis de falência para os maiores bancos dos Estados e de algumas centenas de médios e pequenos estabelecimentos, com a conseqüente ruína do modelo capitalista. Não existe condição de bancar um rombo de tais proporções, embora uma famosa reunião de banqueiros de órgãos centrais, na Suíça, em 1982, tenha admitido a existência de "créditos em liquidação" irrecuperáveis nas praças mundiais, da ordem de US\$ 200 bilhões, valor esse que já deve ter sido aquecido ao longo dos últimos 5 anos.

A imprensa internacional, e os próprios veículos especializados, desde há muito, vêm mantendo uma ativa premonição a respeito de uma catástrofe. Em agosto de 1982, o México assustou o mercado internacional de dinheiro com o anúncio de uma moratória plena, envolvendo os serviços e o principal. Em fins de fevereiro daquele ano, um jornal de Hartford especulou a respeito da situação do sistema de poupança da cidade. Por coincidência, concomitantemente, a televisão local exibiu um filme sob o título "No dia em que a bolha explodiu". Na semana seguinte,

algumas dezenas de depositantes faziam fila à porta de uma entidade de poupança, buscando retirar três milhões de dólares num só dia. A crise de 1982/83, a exemplo do que aconteceu na última semana entre nós, era por todos sabida e conhecida. O México jogou a toalha em primeiro lugar. Logo depois Wall Street tremeu, esperando as posições brasileira, argentina, venezuelana, polonesa, romena, húngara e iugoslava. Alguns desses países já tinham procedido aos respectivos ajustes. Mas poderiam voltar a se mexer.

Quem trata dessa matéria com raro senso de oportunidade e uma profunda identidade com o mundo que faz a sua poligonal com o lado mais importante ligando Wall Street e Londres, e se estendendo para os demais centros financeiros é Darrel Delameide em "O Choque da Dívida". Nessa obra, numerosos trabalhos fazem a sinistrose de uma hecatombe mundial. O próprio Delameide faz uma simulação do que teria acontecido se o presidente Lopes Portillo, efetivamente, tivesse se negado a pagar o devido. As previsões são as mais negras possíveis. E, no entanto, nada aconteceu. A solução do problema foi muito bem encaminhada por Paul Volcker, presidente do Federal Reserve, o BC dos EUA, desde aquela época.

Agora com o Brasil a diferença é bem maior. A dívida verde-amarela é quase US\$ 30 bilhões maior do que a mexicana em 1982. O Brasil dispõe de reservas próximas de US\$ 4 bilhões. Quer negociar, mesmo. Declarou a moratória e somente vai cuidar do assunto dentro de padrões que conciliem entre outras coisas importantes, a nossa sobrevivência. Esse ponto é negociável.

Uma velha raposa das finanças internacionais, encastelada em uma das mais confiáveis organizações privadas que estuda e analisa o mercado internacional, projetando alterações nas taxas de juros, ao fechar as contas do endividamento mundial de 1981 fechou a fantástica soma de US\$ 14,3 trilhões de débitos em aberto. Essa quantia inimaginável vinha de modestos US\$ 3,6 trilhões, anotados em dezembro de 1971. Crescendo a uma razão média de 15% ao ano, esta cifra extraordinária até o final de 1987 já deverá ter encostado em US\$ 31 trilhões. Henry Kaufman é o nome desse oráculo e a sua firma é a Salomon Brothers. Seus cálculos referiam-se ao mundo ocidental, excluídas as nações socialistas.

Este, portanto, é um parâmetro confiável para se medir e avaliar a quantas anda a estrutura creditícia internacional que dá suporte ao modelo do sistema capitalista que domina o mundo ocidental. Essa galáxia de dólares representa tudo aquilo que habita o **deve** e o **haver** dos grandes grupos financeiros. Os do Clube de Paris, em cuja carteira somente tem ingresso os bancos oficiais dos países ricos e dos bancos privados que se adensam em torno de Wall Street, de Londres, Amsterdã, Frankfurt, Canadá, Tóquio e Hong-Kong.

O Terceiro Mundo deve na atualidade um pouco mais do que US\$ 850 bilhões. A América Latina está oscilando entre US\$ 350 e US\$ 375 bilhões. Desse total, o Brasil deve 110 bilhões, o México 105 bilhões e a Argentina 50 bilhões. Individualmente, o Brasil é o maior devedor do planeta.

A recusa de qualquer um desses países em cumprir a rotina de pagamento, tanto do serviço da dívida, quanto